

FORÇA PRODUTIVA

ARQUIVO



Carteira símbolo do trabalho formal: cenário do mercado profissional assusta

Falta trabalho para 22,7 milhões de brasileiros

13,6% das pessoas em idade produtiva no Brasil enfrentam a crise da falta de ocupação

RIO

Um novo indicador divulgado pelo IBGE ontem aponta que falta trabalho para 13,6% das pessoas em idade produtiva no Brasil, o correspondente a 22,7 milhões de pessoas. Essa é a chamada taxa composta da subutilização da força de trabalho, que agrega a taxa de desemprego, a taxa de desemprego por insuficiência de horas trabalhadas e a da força de trabalho potencial.

O dado soma o contingente de pessoas desocupadas (11,6 milhões), o de pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas (4,8 milhões) e a força de trabalho potencial (6,2

milhões), o que representa 13,6% do contingente total de 166,3 milhões de pessoas em idade de trabalhar (14 anos ou mais de idade). Os dados são referentes ao segundo trimestre de 2016.

GRUPOS

Pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas são as que trabalham menos de 40 horas por semana, mas gostariam e estavam disponíveis para trabalhar mais. A força de trabalho potencial é formada pelo grupo de pessoas que não estavam trabalhando nem procurando emprego, mas que estavam disponíveis para trabalhar ou que estavam procurando mas não estavam disponíveis quando o IBGE realizou a pesquisa.

“Os novos indicadores medem a necessidade não

satisfeita de trabalho da população. São pessoas que estão no mercado, ocupadas, mas, por insuficiência de trabalho, podem trabalhar mais horas e querem trabalhar mais horas. São todas essas razões. Existe um conjunto de empregos de meio expediente, como call center, onde se trabalha apenas seis horas, mas querem ir além das seis horas num mesmo emprego ou em outro emprego”, explica Cimar Azereido, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

Os dados são referentes ao segundo trimestre do ano, quando a taxa de desocupação estava em 11,3%. É um complemento aos indicadores da Pnad já divulgados pelo IBGE, seguindo as orientações da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Serviço doméstico cresce na crise

A crise econômica fez aumentar o número de trabalhadores domésticos no Brasil, especialmente as diaristas, que trabalham em mais de uma residência, apontam os novos indicadores do mercado de trabalho divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Esta-

tísticas (IBGE).

No trimestre encerrado em abril deste ano, 6,2 milhões de pessoas trabalhavam como empregados domésticos, 200 mil a mais do que no mesmo período do ano passado.

Entre esses trabalhadores, a presença das diaristas aumentou entre o

total de trabalhadores domésticos. No segundo trimestre deste ano, as diaristas representavam 26,8% do total de empregados domésticos, mais do que os 25,3% que eram há um ano e três pontos percentuais acima do registrado no segundo trimestre de 2012.